



Anexo 1

Entrevista ao professor 1 (Directora da Escola)



ENTREVISTA 1

Identificação: Maria Emília Nascimento

Idade: 49

Sexo: Feminino

Nível de Ensino: Básico e Secundário

Grupo Disciplinar: Geografia

Tempo de Serviço: 21

Categoria: Professora Titular

Situação Profissional: Professora do Quadro de Nomeação Definitiva/ Directora do Agrupamento de Escolas Abranches Ferrão

Entrevista: Sujeito 1 (transcrição literal)

Entrevistador (E) - Antes de mais bom-dia! Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta entrevista. Quero-lhe agradecer também o facto de autorizar que ela fosse gravada em áudio. Esta entrevista enquadra-se num eventual estudo sobre a forma como os professores vêem a educação intercultural na sua prática pedagógica. Então começaria por lhe perguntar o que entende ou o que é para si a cultura?

Sujeito 1 (P) - A palavra cultura pode ter múltiplos significados, de acordo com o ramo de conhecimento da questão. Já que falou aqui da interculturalidade na perspectiva mais sociológica. A palavra cultura, no fundo o que é na cultura é tão importante: é aquilo que identifica ou um grupo ou um povo, num determinado território, num determinado período temporal...aquilo que nos caracteriza, aquilo que está na raiz do nosso desenvolvimento...

E - Muito bem. Mas especificando a questão da interculturalidade, o que é que significa para si, e como é que ela se traduz na escola actual?

S1- A interculturalidade, muitas vezes é associada à diversidade de culturas. E essa diversidade hoje em dia, no nosso país e nos outros países, obviamente que está

associada aos movimentos migratórios, à emigração. E dado que no nosso país nos últimos anos temos sido um país receptor de emigrantes, principalmente de um conjunto emigrantes da Europa de Leste e também dos PALOP's e, portanto, eu entendo a interculturalidade como a relação entre várias culturas. Na escola, sentimos cada vez mais esse imperativo, pois temos que absorver a chegada desses alunos provenientes de várias regiões do planeta e daí estarmos perante a interculturalidade...

E - Também é uma das consequências do mundo globalizado em que vivemos...

S1 - Não sei se respondi como é que ela se traduz na escola...na escola traduz-se exactamente pela recepção desses alunos que provêm de regiões distintas. A nossa realidade não é muito caracterizada pela diversidade cultural, mas já começamos a sentir vários alunos provenientes da Roménia, Bulgária, da Bielorrússia, do Brasil e de outros países que agora não tenho memória...

E - Nessa sequência, acha que a escola na sua estrutura pedagógica está preparada naquilo que são os actores principais, os professores, ou seja nota que há receptividade da parte dos professores, que há tentativa de integrar na sua prática pedagógica um diálogo entreculturas?

S1 - A escola actual, como nós a concebemos, o ensino básico e o ensino secundário, é uma escola de massas, que passou a absorver dentro do próprio país todas as camadas e mesmo as diferentes culturas que existem. Estou-me a lembrar, por exemplo, das diferentes etnias, nomeadamente da etnia cigana. Portanto, a escola actual é uma escola sustentada por uma base democrática, uma base aberta, portanto é uma escola flexível. E só pelo facto de ser uma escola aberta é uma escola para todos. E obviamente nunca poderíamos excluir da escola estes alunos que vêm doutras culturas. Portanto, é uma escola que está sempre receptiva. Agora, essa questão se a estrutura pedagógica e se o corpo docente está preparado...aí tenho as minhas dúvidas, porque não é fácil dentro de uma sala de aula, muitas vezes, gerir situações diversificadas e alunos que não dominam a língua e os quais estão inseridos em turmas.... Não será fácil para o professor conseguir individualizar o ensino, em algumas situações para alunos que desconhecem completamente a língua... não é fácil chegar àquilo que se pretende, dentro das várias disciplinas, portanto em termos pedagógicos não é fácil. Estes alunos, como sabe, têm oportunidade de ter apoios, nomeadamente no âmbito da Língua Portuguesa, já que não é a sua língua materna, para que a curto e a médio prazo consigam dominar

minimamente outra língua que não é a sua. Às vezes, uns com mais facilidade outros com menos facilidade...acompanhar os outros alunos dentro do espaço da sala de aula e dentro do contexto da turma em que estão.

E – Acha, portanto, que a escola, neste momento, se preocupa com esta questão e que por isso está aproveitar os alunos ao nível da sua diversidade cultural?

S1– Claro que sim...a escola também tem muito a ganhar com a cultura que esses alunos trazem e que muitas vezes também enriquecem os outros alunos que cá estão ao conhecer os países, as suas características...isso também é uma mais-valia. As diferenças se forem bem aproveitadas são um grande enriquecimento.

E – Também gostava que me contasse as experiências que já teve nas escolas por onde passou.

S1- Enquanto professora tive contacto com vários alunos, principalmente a nível do ensino secundário, como por exemplo uma aluna do sul da África, que no domínio da Geografia se procurou dar-lhe a conhecer um país e as características. Agora enquanto Directora, temos tido a experiência...temos alguns alunos romenos e búlgaros, temos aqui na escola sede uma aluna brasileira que veio no ano passado e que se entrosou plenamente, tivemos no ano passado também duas irmãs latino-americanas, já tivemos alunos bielorrussos, e desses alunos bielorrussos estou-me a lembrar particularmente de um, que penso que também foi seu aluno, que fez aqui o 9º ano, o ensino básico e que agora está no ensino secundário. Eu sei que ele está no 12º ano pois que ainda há dias esteve aqui. Foi para nós, como Direcção uma experiência bastante interessante, em primeiro lugar porque os próprios pais também foram interventivos na escola e sempre muito preocupados, e esse aluno, apesar das dificuldades com a língua, mostrou-se sempre muito empenhado, muito desejoso de aprender, sempre muito aberto, e que trouxe uma experiência muito positiva no contexto da turma onde estava inserido, na interacção que estabeleceu com os outros colegas, e também com o próprio Conselho de turma, com os professores, que toda a gente estava sempre com vontade de ajudar e colaborar para ele vencer. E de facto venceu aqui no ensino básico, fez exame de Português para prosseguir estudos, e neste momento eu sei que está na área de humanísticas no ensino secundário... de avançar numa carreira diplomática. Portanto, conseguiu abraçar não só a língua, a própria cultura...

E- Um caso de sucesso! A escola está de parabéns também por isso...mas naquilo que ainda estava a dizer e pegando nesse caso de sucesso como é que acha, que os alunos das outras culturas conseguem perceber a importância da vida escola? Considera que os alunos de outras culturas conseguem perceber a escola com outros olhos, com outra forma de estar, de ser?

S1 - Sim...eu acho que pela própria situação de estarem num contexto que à partida não é o seu, faz com que eles tenham muita vontade de aprender. A maior parte destes alunos, também há exceções...mas a maior parte destes alunos oriundos de outros países mostram uma grande vontade em aprender e muitas vezes notamos que eles trazem regras já bem definidas no âmbito do ensino...dá-lhes também uma aprendizagem facilitada. Mas para mim o que caracteriza estes alunos é de facto o empenho, a vontade que, muitas vezes, se destaca no contexto escolar. Estou-me a lembrar por exemplo, no ano passado, o prémio de mérito escolar, portanto da escola, foi atribuído a uma aluna do 6º ano oriunda também de famílias estrangeiras, filha duma Norueguesa e de um Alemão...pela frente as funções de aluna e conseguiu atingir também o prémio de mérito. A vida escolar para eles, é bastante importante, porque para mim é uma forma de eles se integrarem perfeitamente num país que não é o deles e de conseguirem também os objectivos. Os próprios pais têm muita influência. Se os pais são pais preocupados e sentem estas dificuldades, porque tiveram estas dificuldades ao entrar no próprio país, fazem com que os filhos trabalhem e se esforcem para ultrapassar essas dificuldades...que é uma barreira, portanto, a barreira da língua é uma barreira muito importante.

E – Nota-se que alguns alunos em termos daquilo que é aquisição de conhecimentos, tem as coisas bem definidas e são metódicos...mas acha que há um bom entrosamento e as coisas estão a correr bem?

S1- Sim, acho que em termos de integração não há problemas...quer destes alunos estrangeiros, quer de alunos como referi à pouco de etnia cigana, que também pertencem a culturas que têm formas de estar diferentes...e há dias, visitei a Escola de S. Tiago, em ambas as turmas têm uma série de alunos de etnia cigana,..fiquei espantada porque naquele contexto, quer dentro da sala de aula quer no recreio, não se sente diferença nenhuma...

E – Considera que isso se deve à docente que está com eles?

S1– Dos professores e dos próprios alunos.

E - Que também faz um trabalho nesse sentido, que eles não sintam também as diferenças, que haja ali uma relação complementar...

S1– Já aqui na escola, a experiência que nós temos com um aluno de etnia cigana há diferença...talvez pelo vestir, por ser mais crescido...e também penso que é pelo seguinte, porque os pais sentem que os alunos de etnia cigana o 1º ciclo devem fazê-lo, e a partir daí já é mais uma opção, e se calhar já vêm a escola com funções diferentes...

E - Outra questão que eu queria formular à Dra. Emília, é se acha quando se fala de educação intercultural o que é que se poderia fazer mais ao nível da escola para que a mesma fosse uma realidade?

S1- Eu penso que na escola, como um espaço aberto, todos os actores têm caminhado exactamente neste sentido...uns porque aparecem mais alunos com diferentes características outros menos, mas que vão aparecendo em todas as escolas. E, portanto, acho que as escolas se têm movido e se têm apetrechado de formas para trabalhar e lidar com estas situações. No fundo já vimos a fazer isso e acho que devemos continuar a reforçar a educação para a cidadania...o reforço na educação para cidadania. Educação está sempre associada à valorização da diversidade...portanto, dar valores, fazer sentir aos alunos, nomeadamente até na disciplina de Formação Cívica, que é importante darmos valor à diversidade, e reforçar o aspecto da aceitação dos outros. Portanto, nós somos educadores, e acho que tem se ser por aí, por essa educação para a cidadania, que devemos reforçar esta questão da educação intercultural. Portanto, a aceitação pela diversidade, dar igualdade de oportunidades a todos estes alunos, qualquer que seja a proveniência deles...o nosso Projecto Educativo logo por si é um projecto que tem como princípio básico a equidade e a justiça. E tendo por base essa perspectiva, portanto, uma base de equidade e justiça no processo ensino-aprendizagem, considero a que reforçando esta educação para a cidadania no âmbito das turmas, no âmbito da escola, poderemos melhorar muito esta perspectiva da educação intercultural.

E- Falando dos contactos que já teve, e de alguns casos que temos aqui na escola e já tivemos, acha que o processo de integração desses alunos, aqui na escola, na comunidade educativa, implica a perda de traços identitários. Acha que os alunos se

sentem, de alguma forma, vão perdendo aquilo que têm, embora estando numa cultura diferente, ou acha que a escola também promove esse reconhecimento e faz também com que eles mantenham esses traços culturais que fazem parte também da sua identidade cultural?

S1 – Eu acho que isso depende, um pouco, da faixa etária dos alunos, porque aqueles alunos que entram no nosso estabelecimento, por exemplo logo no primeiro ciclo vão adquirindo e vão esquecendo um pouco a não ser que seja muito reforçado em casa os aspectos da sua cultura.

E - Mas em casa a família...

S1- e nunca deixam de perder a língua e continuam...e alguns actos e alguns estudos. Portanto, em parte eu acho que isto acontece nos alunos mais jovens e numa faixa etária mais baixa. Aqueles alunos que vêm já para o 2º e 3º Ciclo, aí acho que a perda é muito menor, porque eles já têm bem traçada a sua cultura. Vão adquirindo outras formas e outras características da cultura portuguesa...portanto, o que é que se passa...eles vão conhecendo outra cultura. E obviamente depois dependerá deles, do caminho a seguir. Agora nunca se perde...eu acho que aquilo que está na nossa origem nunca se perde, pois basta pensarmos às vezes um pouco também na emigração portuguesa nos anos 60, nos anos 70 e nos anos 80... para França, para Alemanha...mas ainda hoje mesmo já em descendentes mantém-se a língua, mantêm-se alguns costumes, até mesmo religiosos, até continuam com determinadas práticas religiosas e, portanto, acho que não se perde, as coisas não se perdem, a não ser que a integração seja feita numa idade, numa faixa etária muito tenra. No fundo, realçando aspectos de outras culturas para enriquecer o contexto educativo.

E– Como ponto último desta nossa conversa, gostaria de perguntar como é que cada um de nós pode contribuir para tornar o nosso contexto de intervenção mais cooperativo, alargando as nossas aprendizagens e os reconhecimentos...uma pergunta difícil mas também nos leva assim a pensar um bocadinho. Como docente, na sua prática pedagógica, naquilo que faz acha que na realidade concreta da escola que dirige, há um trabalho cooperativo, ou seja, aparece um aluno búlgaro ou um aluno que é de etnia cigana, considera que de há um trabalho cooperativo na definição de estratégias para que o aluno se sinta bem integrado, bem acolhido?

S1- Eu penso que uma forma de alargar as aprendizagens tem que passar exactamente pelo âmbito do Conselho de Turma, tem que passar fundamentalmente por um espaço de formação de todos os intervenientes no processo educativo. Portanto, o próprio Conselho de Turma pode-se auto-formar porque está a lidar com situações que às vezes são novas e que trazem grandes dificuldades. Acho que a auto-formação ou a própria formação dos intervenientes neste processo é muito importante. Porquê? Porque será também o ponto de partida para no fundo promover a aprendizagem do saber viver em conjunto, do saber viver todos juntos. As equipas educativas têm que muitas vezes se auto formar ou procurar por formação externa que promova exactamente esse tipo de aprendizagens, dentro dos próprios educadores e dos próprios alunos para saberem viver, viver em conjunto e viver de certa forma em harmonia, porque muitas vezes também aparece a discriminação, não é? Os intervenientes do processo educativo não podem deixar que exista discriminação, têm que promover a harmonia e têm que promover esta cultura da diversidade...e isso será também pela própria formação dos agentes educativos.

E- Esta era a última questão que eu tinha para lhe colocar, resta-me agradecer mais uma vez a sua disponibilidade para esta entrevista e desejar-lhe um bom resto de dia.

S1- Muito obrigada, não tem nada que agradecer, foi um prazer e até à próxima.

